

NEIVA VIEIRA DA CUNHA
MAÍRA MACHADO-MARTINS
(ORGANIZAÇÃO)

LETICIA DE LUNA FREIRE
FELIPE BEROCAN VEIGA

ANTROPOLOGIA DO CONFLITO URBANO CONEXÕES RIO-BARCELONA


lamparina

 **CNPq**
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

LeMetro
Laboratório de Etnografia Metropolitana / FCS-UFPA

Apresentação

Neiva Vieira da Cunha
 Leticia de Luna Freire
 Maíra Machado-Martins
 Felipe Berocan Veiga

Colocar a questão “como a sociedade é possível?”
 é interrogar-se sobre o que vincula os indivíduos
 cuja experiência comum passa da intimidade
 à trivialidade, da cooperação ao conflito.
 (Isaac Joseph)

Jornadas em retrospectiva

Este livro é o resultado do que podemos considerar um acaso feliz. Tudo começou em novembro de 2012, quando a professora Neiva Vieira da Cunha, pesquisadora do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/Ifcs-UFRJ) e então coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/FEBF-Uerj) teve a oportunidade de participar das 1^{es} Jornadas Internacionais d’Antropologia del Conflict e Urbà. A primeira edição desse evento, organizada pelo Observatori d’Antropologia del Conflict e Urbà, integrante do Grup de Recerca sobre Exclúsio i Control Socials da Universitat de Barcelona (Oacu/Grecs-UB),¹ reuniu pesquisadores de vários países, de 7 a 10 de novembro de 2012, em torno da temática comum dos conflitos urbanos e, em particular, de suas formas de manifestação no contexto atual em diversas metrópoles mundiais. Essa experiência pública de trocas acadêmicas deu início a uma interlocução profícua

1. Um rearranjo recente no formato institucional desse grupo possibilitou ampliar e diversificar as relações entre seus pesquisadores, que passaram a redistribuir suas afiliações de dois modos: no coletivo Observatori d’Antropologia del Conflict e Urbà (Oacu), agora com mais autonomia em relação à Universitat de Barcelona, permitindo adequar-se aos diferentes tipos de vínculos dos pesquisadores; e no recém-criado Grup de Recerca sobre Antropologia del Conflict e Urbà (Gracu), estritamente acadêmico e diretamente ligado ao Grecs-UB.

entre os colegas do Oacu/Grecs-UB e do LeMetro/Ifcs-UFRJ, constituindo uma rede de pesquisadores que passou a compartilhar e a discutir suas investigações empíricas realizadas nas duas cidades portuárias submetidas a transformações radicais: Rio de Janeiro e Barcelona.

Os antecedentes que marcam o frutífero encontro tiveram início quando, em 23 de maio de 2012, recebemos, no LeMetro/Ifcs-UFRJ, a mensagem de chamada para artigos [*call for papers*] enviada por Manuel Delgado, professor da Universitat de Barcelona, a Marco Antonio da Silva Mello, coordenador do LeMetro, imediatamente repassada para a sua lista de contatos. Dois dias depois, atendendo à chamada aberta, Neiva Vieira da Cunha e Marco Antonio da Silva Mello encaminharam em conjunto a proposta de comunicação “Nuevos conflictos en el espacio público: las Unidades de Policía Pacificadora y los dilemas de la urbanización en las favelas de Rio de Janeiro”.

A proposta, tendo obtido aprovação, passou a integrar o programa do evento, compondo a Mesa 5 – Territorio, Movilidad Forzada y Violencia, a qual foi apresentada e comentada por Muna Makhlof (Oacu/Grecs-UB), no dia 9 de novembro de 2012, sucedendo a conferência realizada por outro colega brasileiro: Nilton Silva dos Santos (GAP e PPGA-UFF), que já nutria relações acadêmicas com os anfitriões, tendo participado da banca de tese de doutorado de Miquel Fernández González no mesmo período das I Jornadas. A última atividade do encontro, Mesa 8 – Luchas por la Ciudad: el Caso de Barcelona, foi coordenada por Manuel Delgado e reunia membros de seu grupo de pesquisa, entre eles, o próprio Miquel Fernández, Marco Luca Stanchieri, Giuseppe Aricó e também Muna Makhlof. Em mensagem recente a respeito das primeiras Jornadas e das trocas iniciais estabelecidas com os colegas em Barcelona, Neiva relembra:

Foi então que pude identificar muitos pontos de conexão entre os trabalhos desenvolvidos pelo LeMetro e os do pessoal de Barcelona, não só pelos temas urbanos, mas também pela forma de fazer pesquisa e pelo caráter etnográfico de todos os trabalhos apresentados. Depois das exposições dos colegas, fizemos visitas guiadas na Barceloneta, com Muna; no bairro de Rabal, com Miquel; e em Vallcarca, com Marco Luca, além dos bairros de Poble Sec, Gòtic e Santa Caterina. Eu também já tinha assistido à apresentação de Cecília sobre os *Rom* em Turim e tinha pensado que seria interessante fazer contato com ela, em função dos trabalhos de Mello e Felipe sobre os ciganos no Brasil. Durante o congresso, fui me aproximando de alguns colegas na medida em que as oportunidades surgiam, durante os almoços e entre os intervalos das mesas. Ao longo dessas conversas, comentei que, a partir das apresentações deles, pude ver que o Rio de Janeiro estava passando por um processo muito semelhante ao de Barcelona em 1992, e, por esse motivo, logo começamos a pensar em realizar as II Jornadas no Rio.

Ao final do evento, entreguei os livros de Mello e Arno – *Quando a rua vira casa*² e *A galinha d'Angola*³ – e outros livros de colegas do LeMetro ao Manuel Delgado e ficamos de manter contato. E assim fizemos por *e-mail*, sobretudo com Muna, Miquel, Marco e Giuseppe.

Além dos estudantes de Delgado, também participou do evento como ouvinte a *doctorante* Joana Sisternas Tusell, orientada por Daniel Cefaï e Neiva Vieira da Cunha na École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França. Natural de Barcelona e estudando em Paris, Joana pôde atender a esse convite de sua coorientadora enquanto preparava-se para a realização de seu trabalho de pesquisa no Rio de Janeiro. Joana foi recebida no campo por Cláudio Roberto Batista, participante ativo da associação de moradores do morro Chapéu Mangueira, orientando de Neiva no mestrado no PPGCEC/FEBF-Uerj, e antes disso, orientado por Felipe Berocan Veiga na graduação em Ciências Sociais da Universidade Candido Mendes.

Também participaram como conferencistas das Jornadas dois outros colegas de nossas relações: Pedro José García Sánchez, do Département de Sociologie da Université Paris Ouest – Nanterre, na França, e Luís Fernandes, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, em Portugal. No ano seguinte, em 26 de agosto de 2013, recebemos Luís Fernandes no LeMetro/Ifcs-UFRJ, onde ele apresentou a conferência “Territórios psicotrópicos: toxicodependência de rua, periferização urbana e exclusão social”. Essa atividade acadêmica foi organizada em conjunto com o Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU/Ifcs-UFRJ), coordenado pelo professor Michel Misse, e pelo Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (Cevis/Iesp-Uerj), coordenado pelo professor Luiz Antonio Machado da Silva, este último também pesquisador associado ao LeMetro.

O Laboratório de Etnografia Metropolitana iria, mais uma vez, ser representado por Neiva Vieira da Cunha em Barcelona, em seminário organizado pelo Oacu, intitulado *Concepcions, ús i consum de l'espai públic a la ciutat global*, em 20 de dezembro de 2012. Na ocasião seguinte às primeiras Jornadas e como seu epílogo, arquitetos e antropólogos dedicaram-se a comparar experiências relativas às destinações do espaço urbano em diferentes cidades globais, no marco das transformações que afetam de maneira traumática seus moradores. Desse encontro, participaram também Angela Giglia, da Universidad

2. VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos et al. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Finep; Ibam / São Paulo: Projeto, 1985 [1980].

3. VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. *A galinha d'Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007 [1993].

Nacional Autónoma de México (Unam), e Gaspar Maza, da Universitat Rovira i Virgili, sediada na cidade catalã de Tarragona.

No início de 2013, buscando consolidar as relações acadêmicas com os colegas de Barcelona, Neiva Vieira da Cunha publicou, a convite de Rafael Soares Gonçalves (PUC-Rio), editor da revista *O Social em Questão*, a resenha “O ‘modelo Barcelona’ em questão: megaeventos e *marketing* urbano na construção da cidade-olímpica”.⁴ O dossiê *Grandes eventos e seus impactos sociais*, organizado e apresentado por Rafael Gonçalves em parceria com Soraya Silveira Simões e Alex Ferreira Magalhães (Ippur-UFRJ), reuniu diversos artigos de pesquisadores do LeMetro/Ifcs-UFRJ, como Leticia de Luna Freire, Jorge de La Barre e Gerônimo Leitão. Na resenha, destinada ao público acadêmico brasileiro, Neiva observa:

A leitura de *La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del “modelo Barcelona”* (2007), de Manuel Delgado, torna-se fundamental para que possamos melhor avaliar o processo de transformação urbana em curso na cidade do Rio de Janeiro. Devemos olhar para a experiência de Barcelona com bastante cuidado e atenção, já que dela não nos aproximamos apenas pela natureza dos projetos que aqui estão sendo implementados, mas também, e sobretudo, por alguns de seus efeitos e consequências já perceptíveis. Certamente a realização de tais eventos coloca a possibilidade de desenvolvimento urbano e construção de uma agenda que leve em consideração processos de transformação democrática da cidade. Mas para garantir que isso aconteça, a atuação dos movimentos sociais será decisiva para um debate crítico e formulação de prospectos políticos visando à construção de uma cidade mais justa e igualitária.⁵

No dia 1º de agosto de 2013, o LeMetro organizou, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, o seminário *Conexões Rio-Barcelona na construção da cidade olímpica*, contando com a participação de Muna Makhoul, que à época estava realizando pesquisa de campo na Zona Portuária da cidade, e do professor Nilton Santos, que teve o papel de acolhê-la na UFF. Nessa ocasião, a pesquisadora proferiu a palestra “Transformações urbanas desde a resistência. Aproximações a um movimento vicinal no bairro de Barceloneta, Barcelona”. A interlocução com os demais pesquisadores do LeMetro nessa atividade ajudaria a consolidar os passos para a organização de um evento acadêmico significativamente maior no ano seguinte.

As II Jornadas Internacionais de Antropologia do Conflito Urbano foram

4. DELGADO, Manuel. *La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del “modelo Barcelona”*. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2007.

5. CUNHA, Neiva Vieira da. O “modelo Barcelona” em questão: megaeventos e *marketing* urbano na construção da cidade-olímpica. In: *O Social em Questão*, ano XVI, n.29. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1. sem., p.325-335, 2013.

organizadas no Rio de Janeiro pelo LeMetro/Ifcs-UFRJ, em parceria com o Oacu/Grecs-UB, e ocorreram entre os dias 11 e 13 de agosto de 2014 no Salão Nobre do referido instituto. Como desdobramento do diálogo iniciado em 2012, a proposta teve como objetivo consolidar a cooperação institucional construída entre esses grupos de pesquisa, fortalecendo, assim, a interlocução acadêmica.

Justificou-se, sobretudo, pela relevância que a cidade do Rio de Janeiro adquiriu no contexto atual, como sede de dois grandes megaeventos mundiais (Copa de Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de Verão de 2016), para a compreensão dos ritmos acelerados das transformações do espaço público e o consequente acirramento dos conflitos urbanos. A realização dos XXV Jogos Olímpicos em Barcelona, em 1992, tornou-se referência obrigatória para se pensar os impactos que esses megaeventos esportivos podem ter para suas cidades-sede, diante de sua considerável projeção internacional.

Ao mesmo tempo que o Modelo Barcelona tem sido evocado como inspiração para os megaeventos aqui sediados, a produção acadêmico-científica de pesquisadores brasileiros e europeus têm possibilitado questionar a própria construção idealizada desse *modelo*, evidenciando os impactos sociais mais perversos dos processos de internacionalização e de mercantilização das cidades. As análises antropológicas sobre a experiência catalã nutriram as reflexões sobre as atuais reconfigurações urbanas no Rio de Janeiro, cenário de projetos ambiciosos como o Porto Maravilha, incluindo a realocação de moradores e a remoção de assentamentos urbanos de baixa renda em tempos de Unidades de Polícia Pacificadora.

Desse modo, as II Jornadas Internacionais de Antropologia do Conflito Urbano constituíram uma oportunidade ímpar de reflexão e troca sobre as transformações e as experiências urbanas em curso nas duas metrópoles litorâneas, permitindo avaliar melhor, e contrastivamente, os êxitos e os limites do *modelo* em questão.

Sua realização, vale destacar, exigiu a ação concertada de muitos colegas pesquisadores do Laboratório de Etnografia Metropolitana. A programação completa do evento, com a distribuição dos convidados em duas mesas de abertura, seis fóruns de pesquisa e duas sessões de exibição de filmes e fotografias, foi concebida e organizada por Neiva Vieira da Cunha, Leticia de Luna Freire, Felipe Berocan Veiga e Maíra Machado-Martins. Leticia de Luna desenvolveu papel central na organização das II Jornadas ao articular os convites, realizando gestões com todos os participantes e viabilizando reservas de passagens aéreas e hospedagem. O coordenador do LeMetro, Marco Antonio da Silva Mello, encarregou-se de encaminhar projetos às agências de fomento, obtendo assim os recursos necessários para sua realização, além de estabelecer um diálogo fundamental com a direção do Ifcs-UFRJ.

As fotografias do cartaz, relacionando as mobilizações urbanas no Rio de Janeiro e em Barcelona, são de Felipe Berocan Veiga, que, com base na programação do primeiro encontro, produziu o arquivo com o programa completo,

incluindo mapas do Centro da cidade e dos roteiros de visitas a campo. Felipe organizou também a sessão audiovisual *Conexões Rio-Barcelona*, reunindo fotografias e resumos de várias pesquisas de caráter etnográfico realizadas pelos colegas do LeMetro e do Oacu. Máira Machado-Martins auxiliou a gestão dos recursos e a coordenação das atividades de filmagem e de edição dos vídeos das II Jornadas, até a sua posterior divulgação pública no *site* do laboratório.⁶ Gabriel Ferreira Barbosa realizou fotografias e assessorou a criação de um *blog* de divulgação do evento na internet; Mariana Tafakgi auxiliou na produção dos certificados e dos registros de imagem; e Daniele Rebuzzi encarregou-se de difundir o encontro na internet, atualizando a página do LeMetro. Além de Gabriel e Mariana, Yasmin Alves Monteiro e Júlia da Cunha Teixeira realizaram atividades de apoio ao evento. O cartaz, o folder e o *banner* do evento foram diagramados pela *designer* Isabel de Luna.

Por seus respectivos trabalhos de campo e áreas de interesse comum, Marcela Montalvão Teti, à época estudante de doutorado em Psicologia da UFRJ, foi convidada para participar como ouvinte das II Jornadas por Leticia, que conhecera dois anos antes nas reuniões do Comitê Popular da Copa e da Olimpíada do Rio. Com seu trabalho sobre as transformações urbanas na Zona Portuária, Marcela realizou um estágio doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona em 2013, inicialmente ligada ao professor Lupicínio Iñiguez-Rueda, mas logo depois encontrando acolhimento pessoal e acadêmico no grupo coordenado por Manuel Delgado, redefinindo, a partir de então, os rumos metodológicos de sua pesquisa. Mobilizada por Leticia durante a organização do evento, ajudou a agilizar a correspondência com os pesquisadores de Barcelona. Depois disso, em abril de 2015, Leticia de Luna Freire foi examinadora de sua tese de doutorado, orientada pelo professor Francisco Teixeira Portugal, no PPGP-UFRJ.

Ao final das II Jornadas, os pesquisadores da Universitat de Barcelona realizaram visitas a campo na companhia de seus colegas brasileiros. Em 14 de agosto de 2014, Gabriel Barbosa apresentou-lhes a favela Santa Marta e suas transformações recentes como nova destinação turística. No dia seguinte, Joana Sisternas providenciou a recepção dos colegas no morro do Chapéu Mangueira, apresentando o circuito de *hostels* e essa recente espécie de *gentrification* muito em voga nas favelas da Zona Sul. Na qualidade de anfitrião, Cláudio Roberto Batista abriu sua casa aos visitantes, oferecendo-lhes uma típica feijoada carioca, transformando-os, assim, de estrangeiros em comensais. Mais tarde, Felipe Berocan os apresentou ao circuito noturno de bares, restaurantes, gafeiras e rodas de samba da praça Tiradentes e da Lapa, ressaltando aspectos de suas pesquisas sobre os *mundos da arte* e a renovação urbana do centro histórico da cidade.

6. Os vídeos de todas as atividades do evento realizadas no Salão Nobre do Ifcs podem ser integralmente acessados em <http://lemetro.ifcs.ufrj.br/>.

As II Jornadas Internacionais de Antropologia do Conflito Urbano contaram com recursos financeiros da Faperj, do CNPq e do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/UFF). Para sua realização, visando à consolidação de uma rede interinstitucional e internacional de pesquisa em torno dos conflitos urbanos, o evento pôde contar igualmente com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/FEBF-Uerj), do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU/Ifcs-UFRJ) e do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (Cevis/Iesp-Uerj).

O evento beneficiou-se diretamente da participação de colegas professores empenhados na coordenação de fóruns de pesquisa e na apresentação de trabalhos, contribuindo para o seu sucesso. Graças a essa adesão ao empreendimento, foi possível organizar melhor as sessões, razão pela qual gostaríamos de agradecer-los nesta apresentação: Michel Misse (PPGSA e NECVU/Ifcs-UFRJ), Luiz Antonio Machado da Silva (Cevis/Iesp-Uerj), Lenin Pires (DSP, PPGA e INCT-InEAC/UFF), Pedro Abramo (Ippur-UFRJ), Patrícia Birman (PPCIS-Uerj), Hélio R S Silva (Uerj, Iser e LeMetro/Ifcs-UFRJ), Arno Vogel (CCH-Uenf e LeMetro/Ifcs-UFRJ), Gisele Fonseca Chagas (Neom e PPGA-UFF) e Fabio Reis Mota (PPGA e INCT-InEAC/UFF), além dos autores reunidos nesta coletânea.

Estratégico e providencial foi o apoio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais na pessoa de seu diretor, professor Marco Aurélio Santana, assim como de sua Secretária Geral, na pessoa de Leonardo Panza, tornando possível viabilizar toda a logística necessária para o acolhimento dos participantes e a boa condução dos trabalhos.

A segunda edição das Jornadas foi dedicada à memória de nosso colega e amigo professor Isaac Joseph (1943–2004), do Département de Sociologie da Université de Paris X – Nanterre, lembrando os dez anos de seu falecimento. Foi dele, inicialmente, a sugestão do estabelecimento de uma ponte entre os pesquisadores urbanos da Universitat de Barcelona e os do LeMetro/Ifcs-UFRJ. A aproximação sugerida a seu colega Marco Antonio da Silva Mello, em conversa mantida no apartamento da rue Julien Lacroix, em Belleville, ainda no final dos anos 1990, só se tornaria realidade, contudo, muitos anos mais tarde, com ótimos e promissores resultados.

Por fim, derivada dessas duas primeiras ocasiões de encontro, a terceira edição das Jornadas Internacionales de Antropología del Conflicto Urbano está programada para realizar-se em Buenos Aires, na Argentina, entre os dias 9 e 11 de novembro de 2016, sob a coordenação local da professora María Carman, no Instituto de Investigaciones Gino Germani da Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires (IIGG/FCS-UBA).

O livro como artesanato intelectual

Reunimos aqui um bom número de autores de pesquisas urbanas que foram apresentadas durante as II Jornadas Internacionais de Antropologia do Conflito Urbano, a partir de convite formulado pelos organizadores deste livro a todos que expuseram trabalhos naquela ocasião. Diante dos diversos textos enviados, procuramos refinar o trabalho de composição do artesanato intelectual e dividir o livro de acordo com quatro eixos temáticos que permitissem o diálogo entre os trabalhos escritos por colegas do Rio de Janeiro e de Barcelona em todas as partes. Essa divisão interna se inicia com a parte 1, “Cidades olímpicas em jogo”, considerando o contexto atual em evidência e o parâmetro inicial de comparação entre essas duas metrópoles litorâneas, diretamente relacionadas também no discurso oficial. Em seguida, a parte 2, “Áreas centrais e favelas em disputa”, reúne trabalhos acadêmicos que consideram práticas cotidianas em contraste com políticas públicas em localidades urbanas antes desprivilegiadas.

Os capítulos da parte 3, “Periferias e os desafios do cotidiano”, consideram os dilemas dos moradores de áreas periféricas diante do descaso político na busca de soluções para seus problemas, com destaque para os recorrentes impasses da habitação popular. Finalmente, a parte 4, “Etnicidade e conflitos no espaço público”, analisa as relações entre etnicidade e áreas metropolitanas, ressaltando, em contextos diversos, como os ciganos no Brasil e os chamados *rom* na Europa se constroem e são construídos politicamente e, diante dos desafios e problemas com as instituições públicas, como orientam suas ações na luta por direitos e por reconhecimento.

A primeira parte se inicia com o capítulo de Miquel Fernández, “Barcelona 1992, el porvenir de una ilusión”, uma análise instigante da manipulação política do “sonho olímpico” e do falso consenso criado em torno do Modelo Barcelona. O autor atenta para o acirramento das desigualdades socioespaciais a partir de intervenções urbanísticas praticadas na cidade em foco, projetadas pelo poder público em benefício maior do capital imobiliário especulativo. No contexto de um mercado mundial de cidades em competição, o bairro histórico do Raval configura-se como exemplo notável de área definida, à revelia do que pensam seus habitantes, para receber grandes obras, arruinando parte considerável de seus edifícios e fazendo disparar os preços dos aluguéis e imóveis, alterando de modo significativo o perfil de seus moradores, apesar das tentativas de resistência.

Do outro lado do Atlântico, o capítulo “Batalhas simbólicas na cena pública: a marcha para ‘Rio 2016’”, de Fernanda Sánchez e Bruna Guterman, estabelece como foco de análise as disputas simbólicas em torno do projeto de cidade vinculado à realização de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro, problematizando as contradições e a instrumentalização de uma aparente integração simbólica. Fazendo referência a diversos movimentos de resistência

**Foto 1**

Participantes das II Jornadas Internacionais de Antropologia do Conflito Urbano, reunidos no Salão Nobre do Ifcs-UFRJ, de 11 a 13 de agosto de 2014
 Da esquerda para a direita: Gabriel Barbosa, Felipe Beroan, Soraya Simões, Cecília Vergnano, Muna Makhoulf, Máira Machado-Martins, Neiva Vieira, Marco Antonio Mello, Marco Luca Stanchieri, Leticia de Luna, Giuseppe Aricó, Paulo Thiago de Mello, Marcela Teti, Maribel Cadenas, Miquel Fernández, Júlia Teixeira e Mariana Tafakgi

e partindo de procedimentos de investigação pouco usuais no campo do urbanismo, as autoras desenvolvem a ideia de que as expressões do conflito urbano e das disputas simbólicas obedecem, na atual cena urbana carioca, a uma gramática territorial nova, por meio da qual os sujeitos que resistem buscam redefinir centros e centralidades dos conflitos, desafiando o atual projeto de cidade.

No capítulo “O que está em jogo na ‘Cidade Olímpica’? Conflitos e resistências acerca da remoção de assentamentos populares no Rio de Janeiro”, Leticia de Luna Freire e Mariana Tafakgi desenvolvem uma análise antropológica das contradições existentes no processo de transformação da identidade do Rio de Janeiro, de “Cidade Maravilhosa” para “Cidade Olímpica”, desencadeando um ambicioso projeto de intervenções urbanas de múltiplas consequências sociais. Sem deixar de situar historicamente esse processo, as autoras focalizam, nesse trabalho, o problema das remoções de assentamentos populares provocadas pelas obras em curso na cidade, construindo sua análise a partir de pesquisa etnográfica realizada na Vila Autódromo, na vizinhança imediata do Parque Olímpico, na Zona Oeste carioca, um caso que se tornou emblemático do confronto de perspectivas e interesses atualmente em jogo na cidade, alcançando rápida projeção internacional.

Gerônimo Leitão apresenta o capítulo “Vila Autódromo, Morro da Providência e Complexo do Alemão: o que têm em comum essas três favelas cariocas nas vésperas da realização dos chamados ‘megaeventos’?”. Nesse texto sobre políticas habitacionais e urbanísticas, considera as diferentes formas de atuação do poder público municipal em três programas recentes de intervenção

em favelas cariocas: o Favela-Bairro, o Morar Carioca e o Plano de Aceleração do Crescimento – PAC Urbanização de Favelas. Considerando, como campo empírico, favelas situadas em três regiões distintas da cidade – Zona Oeste, Centro e Zona Norte, respectivamente –, o autor ressalta a drástica redução da participação popular dos moradores, a instalação de novos e sofisticados sistemas de transporte de baixo alcance e o retorno das práticas de realocação de moradores.

A partir de suas experiências etnográficas, Muna Makhoul De la Garza apresenta o texto “Conexiones entre la Barcelona post-olímpica y el Río pre-olímpico a través de la resistencia a planes urbanísticos”. A autora compara os planos de renovação urbana em voga ao revelar consultorias internacionais que trataram de exportar o Modelo Barcelona para o Rio de Janeiro, articulando, nas duas cidades, projetos de valorização turística e imobiliária, políticas de segurança e de vigilância, instalações de novos transportes verticais, como elevadores e teleféricos, e a abertura de grandes museus em áreas portuárias. No caso catalão, o bairro marítimo e industrial de Barceloneta protagonizou de modo radical uma série de intervenções do poder público voltadas para a expansão do capital privado, do consumo e do turismo, tal como vem experimentando a praça Mauá e o Morro da Providência, entre outras localidades no Centro do Rio de Janeiro.

O capítulo “A cidade (in)decente: prostituição e violação de direitos no Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo”, de autoria coletiva, apresenta uma síntese dos resultados da pesquisa desenvolvida pelo Observatório da Prostituição / LeMetro / Ifcs-UFRJ, coordenado por Soraya Silveira Simões, sobre os impactos da Copa do Mundo de 2014 no mercado sexual carioca. Realizada antes e durante o megaevento esportivo, a pesquisa monitorou diferentes pontos de sexo comercial na cidade, tomando como campo privilegiado os arredores da Praça do Lido, um tradicional local de prostituição no bairro de Copacabana, na Zona Sul carioca, onde também foi instalada a Fifa Fan Fest. Ao discutir, com base em dados empíricos, a relação entre a prática da prostituição e a realização do megaevento esportivo, o trabalho traz contribuições relevantes sobre o assunto, desconstruindo “pânicos morais” e contrariando o que comumente é propalado sobre o assunto, sem uma adequada e necessária distinção entre o exercício de um *métier*, categorizado e descrito na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho, e, não sem hipocrisia, ambigualmente confundido com o tráfico ilegal de pessoas.

O bem-circunstanciado artigo de Pablo Benetti e Mônica Rolo abre a segunda parte. Com o título “Porto: ‘Maravilha’ para quem? A história singela de dona Alzira”, os autores apresentam o tema da revitalização urbana da região portuária do Rio de Janeiro a partir de uma dimensão sensível. Levando em consideração as desventuras de uma modesta costureira em uma área submetida às transformações do sistema construído, mas, sobretudo, suas dificuldades diante das novas exigências do mercado imobiliário – que exclui antigos

moradores e inviabiliza a continuidade e a reprodução de pequenos negócios e serviços, desarticulando o comércio de proximidade e alterando bruscamente a lógica das relações de vizinhança –, o caso de dona Alzira permite aos autores evidenciar os efeitos colaterais da renovação urbana sobre o destino das pessoas.

O capítulo “Territorios de lo imprevisto: espacios vacantes, autoconstrucción y simbolización del lugar en el barrio de Vallcarca en Barcelona”, de Marco Luca Stanchieri, põe em perspectiva a criação de sucessivos planos urbanísticos sobrepostos e destinados ao bairro barcelonês de Vallcarca, produzindo esvaziamentos no duplo sentido, tanto físico quanto simbólico, com vistas à posterior reconversão capitalista desses espaços antes destinados à moradia, à sociabilidade e ao lazer de seus moradores. A partir de um olhar antropológico, o autor revela como a degradação no sistema construído e a abertura deliberada de uma “trama de vazios urbanos” são táticas utilizadas pelo capital imobiliário para liberar o solo, produzindo territórios imprevistos e acentuando a contradição entre a crise imobiliária e o déficit habitacional na cidade.

Rafael Soares Gonçalves, em seu artigo “Da teoria da marginalidade à luta pela permanência: apontamentos iniciais sobre a luta pelo acesso à água nas favelas cariocas”, descreve a mobilização de grupos de moradores em prol do manejo e da distribuição de água nos morros do Rio de Janeiro. Por uma perspectiva histórica e com base na pesquisa em arquivos, o autor analisa as estratégias para tornar possível e regular o abastecimento doméstico em favelas, a partir de engenhosas soluções locais encontradas para garantir o acesso a esse recurso indispensável para a vida cotidiana. Tal atividade possibilitou construir o protagonismo político dos conhecedores das nascentes, da rede hidráulica e dos sistemas de captação, armazenamento e distribuição na cidade formal, reconhecidos como especialistas locais, partícipes ativos do desenvolvimento urbano da cidade.

A temática do acesso à água e aos recursos do entorno ganha continuidade no artigo de Laura Cristina Gómez Villamizar e Neiva Vieira da Cunha, “A ‘favela sustentável’: conflitos no uso e no manejo dos recursos naturais nas favelas do Chapéu Mangueira e da Babilônia (RJ)”. A partir de trabalho de campo de caráter etnográfico realizado nas favelas do Chapéu Mangueira e da Babilônia – localizadas no bairro do Leme, na Zona Sul carioca –, as autoras discutem a ideia de “desenvolvimento do local” em relação ao modelo de “desenvolvimento sustentável”, buscando evidenciar o conflito entre duas perspectivas sobre as práticas de uso e manejo dos recursos naturais, assim como os desafios e os aportes que cada modo de ação e conhecimento traz consigo. A primeira ideia ressalta as diferentes práticas dos moradores, assim como as formas de organização social que permitiram, no passado recente, estruturar uma dinâmica própria de desenvolvimento da favela a partir dos conhecimentos locais. A segunda, por sua vez, aborda a noção de *desenvolvimento sustentável*, conceito que fundamenta o projeto Morar Carioca Verde e orienta uma série de outras políticas públicas em curso nessas favelas.

O capítulo de Jorge de La Barre, intitulado “O espaço carioca entre espetáculo e resistência”, critica a inauguração de novos espaços culturais na Zona Portuária carioca, notadamente o Museu de Arte do Rio (MAR) e o Museu do Amanhã, como monumentos arquitetônicos e sedes de exposições de propagação massiva e entusiástica da renovação urbana, no contexto dos megaeventos esportivos. O autor contrasta a ideia de cidade como espaço público, lugar dos protestos e das mobilizações coletivas, com a cidade-mercadoria, padronizada e destituída de projeto futuro, reduzida a propagandas e animações voltadas para o *divertissement*, em um bombardeio de imagens e mensagens publicitárias veiculadas como parte de um novo cenário festivo concebido por eventos midiáticos como a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, capazes de produzir, sob forte vigilância policial, um sentimento de euforia contagiante e uma expectativa de consumo globalizado, em uma espécie de “transe hipermediático”.

A terceira parte é aberta com o capítulo “La pacificación de la periferia: conflictividad social, regeneración urbanística y esterilización de lo urbano en el barrio de La Mina, Barcelona”, de Giuseppe Aricó. Aborda as consequências da lógica neoliberal no âmbito das políticas urbanísticas, afetando sobremaneira as periferias de grandes cidades europeias, que passam a ser concebidas como “áreas degradadas” para justificar projetos de revitalização capazes de as revalorizar no mercado imobiliário. Diante da crescente mercantilização da cidade de Barcelona, a operação de “regeneração urbanística” levada a cabo no bairro de La Mina – objeto de estudo do autor – permite ilustrar com propriedade um tipo de processo que busca materializar o ideal de cidadania cívica em um “espaço público pacificado”, idílico e desprovido de conflito, que tende a esterilizar as relações sociais e a vida cotidiana do lugar.

O artigo de Máira Machado-Martins, “Conflitos na moradia popular informal: observações sobre a transformação dos ‘condomínios populares’ da avenida Brasil”, relata o processo de reconversão de fábricas abandonadas, cujas plantas industriais são posteriormente ocupadas e transformadas em *condomínios populares* na Zona Norte do Rio de Janeiro. O resultado dessas operações, ao longo dos últimos 13 anos, foi a recomposição de estruturas físicas preexistentes em espaços de moradia, pela ação concertada de outrora, até sua degradação com a redução dos espaços de convivialidade, fruto de um individualismo progressivo no presente. A autora discute a interdependência entre o desenvolvimento do espaço coletivo de moradia, com suas características particulares, e as relações sociais entre seus habitantes. Os conflitos emergem e as relações de poder se revelam na prática cotidiana, incidindo sobre a apropriação ou não dos espaços como áreas de circulação e uso comum ou como novos interiores de moradias em expansão.

No capítulo “Por dentro do *conjunto*: políticas de habitação popular e gestão da urbanidade no Bairro Carioca”, Rodrigo Lopes Cavalcanti Ribeiro e Felipe Berocan Veiga abordam as novas políticas urbanas de habitação popular

a partir dos programas Minha Casa, Minha Vida e Morar Carioca, com a construção de grandes conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro, apresentando o caso do Bairro Carioca, inaugurado em 2011 na Zona Norte da cidade. O trabalho aponta para a continuidade das políticas habitacionais que caracterizavam as intervenções do Banco Nacional da Habitação (BNH), vigentes no início da década de 1960, igualmente caracterizadas pela adesão compulsória e pela ausência de maior concertação com os moradores em questão. A imposição de um modelo de moradia, tal como descrito pelos autores, produz uma série de consequências em termos dos padrões da sociabilidade local e das formas de apropriação dos espaços do conjunto.

Em “Relatos de la transformación urbana de las casas baratas de Bon Pastor: diferentes maneras de pensar y vivir lo vecinal, relaciones asimétricas, nuevos actores y apropiaciones del lugar en juego”, Maribel Cadenas Álvarez (Collectiu Repensar Bonpastor) considera a transformação urbana do bairro de Bon Pastor, em Barcelona, a partir da implantação do Plano de Remodelação Urbana que, por sua vez, dividiu a opinião dos moradores. A autora analisa as formas de implantação de planos urbanísticos em Barcelona desde a escolha da cidade como sede dos Jogos Olímpicos de 1992, seis anos antes de sua realização propriamente dita, e as transformações durante o processo de implantação do Plano de Bon Pastor, tanto da recepção do projeto por parte dos moradores quanto da construção da imagem do lugar pelos diferentes atores locais. Em uma escala metropolitana e no contexto menor do bairro, os dois planos analisados no texto revelam o processo de transformação urbana como indissociável da questão participativa, envolvendo seus habitantes na construção do lugar e suas consequentes possibilidades de apropriação.

Em seu artigo “Sentimentos morais, ação coletiva e novos conflitos no espaço público da Baixada Fluminense (RJ): o caso da Cidade dos Meninos”, Neiva Vieira da Cunha tem por objetivo mostrar o lugar dos sentimentos morais na compreensão das questões de justiça no Brasil contemporâneo, insistindo particularmente sobre as situações de conflito. A partir de pesquisa empírica realizada na Cidade dos Meninos, na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o artigo busca evidenciar os tipos de sentimentos e categorias morais que se expressam no modo como emergem nas arenas públicas as demandas por respeito e reconhecimento de seus habitantes. Focalizando as formas de exercício da cidadania tal como experienciada, percebida e praticada por pessoas comuns na vida cotidiana, a autora examina, do ponto de vista etnográfico, as maneiras de viver e se organizar coletivamente, de gerir sentimentos sociais e de aplicar categorias morais na resolução de conflitos no espaço público.

Na última parte, o artigo de Cecilia Vergnano, “Etnificar la pobreza: la construcción de la categoría política ‘rom’ en el marco de las transformaciones políticas y económicas contemporáneas en Europa”, discute a construção da categoria política *rom* no contexto da expansão da União Europeia em direção

aos países do Leste. O conflito aqui se revela tanto por comportamentos caracterizados como “neorracistas”, por parte das sociedades que compõem a Europa Ocidental, destino mais constante dos migrantes *rom*, quanto das repercussões sobre o espaço urbano em suas próprias cidades de origem, localizadas na Europa Oriental. As contradições presentes no discurso político e a instrumentalização da pobreza são evidenciadas no caso europeu contemporâneo apresentado pela autora.

O livro encerra com o capítulo de Felipe Berocan Veiga e Marco Antonio da Silva Mello, “A notícia sob exame: ciganos brasileiros e um caso emblemático de conflito de urbanidade”, analisando o conceito de *tolerância*, diretamente relacionado à ideia de *pluralismo moral*, e seu contraponto radical: a intolerância, que produz experiências dolorosas de injustiça e humilhação e sentimentos de medo e impotência, na contramão do que deveria ser uma *sociedade decente*. Ao considerar como *fato analisador* uma cena dramática veiculada em reportagem televisiva, em que uma mulher cigana *calon* teve seu filho de colo arrancado dos braços por policiais por ordem do Conselho Tutelar e da Justiça em Jundiaí (SP), os autores observam como a mídia é capaz de produzir a escalada do problema diante dos índices nacionais de audiência, mobilizando a atenção e as emoções do público em prol da jovem mãe, capaz de reverter finalmente a decisão arbitrária e discriminatória tomada pelas instituições envolvidas no caso.

Por fim, levando-se em consideração os leitores europeus deste livro, deve-se esclarecer que, em português, o termo “cigano” é uma categoria auto-atribuída, e não se trata de palavra pejorativa a princípio. As lutas políticas do grupo no Brasil não começaram com disputas por altos recursos voltados para uma minoria vulnerável, como no caso europeu, mas por tentativas de apagar os sentidos negativos da palavra “cigano” dos dicionários, quando ainda era definida como sinônimo de “ladrão, velhaco, trapaceiro”. E conseguiram isso, escrevendo cartas, indo a programas televisivos e sensibilizando linguistas, filólogos e dicionaristas, sem nenhuma participação do poder público ou de partidos políticos no processo de luta por reconhecimento. Nesse sentido, os ciganos brasileiros não utilizam como eufemismo, para referirem-se a si próprios, a palavra *rom*, que de uma designação própria dos ciganos dos Bálcãs se estendeu para todos os demais. Até porque é bastante expressivo no Brasil outro subgrupo de origem ibérica, os *calon*, ciosos de suas diferenças internas, preferindo ser chamados de *ciganos*. Portanto, embora também possa situacionalmente ser empregado como uma adjetivação negativa, o termo foi apropriado positivamente pelo grupo no Brasil e não tem a mesma carga estigmatizante que suas traduções divergentes em outras línguas europeias, como *gitano*, *gypsy*, *gitan*, *zingaro* ou *zigeuner*, por exemplo.